

O Potiguar

Ano X

Nº 47

Maio/Junho 2007

Distribuição Gratuita





Rua Jundiá, 641 – Tirol – Anexo à Fundação José Augusto

PROGRAMAÇÃO DE EVENTOS DO MÊS DE JUNHO/2007

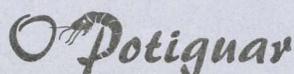
Dia	Hora	Eventos	PREÇO
01/06(sex)	20h	Espectáculo de Dança “Nós da Cia” Cia Avançada de Dança do Contemporâneo	Inteira:R\$ 10,00 Estudante:R\$5,00
02/06(sáb)	19h	Grupo de Teatro Shalon	
04/06 (seg)	10h, 16h e 20h	Espectáculo Teatral “Jorges – A Poesia de Jor. Fern” Companhia de Repertório do Riso ao Pranto	
05/06 (ter)	10h e 15h	Grupo de Teatro B7C com Espectáculo Teatral “Romeu e Julieta” Texto: William Shakespeare e Direção: Márcio Rodrigues	Inteira:R\$ 10,00 Estudante:R\$5,00
06/06 (qua)	10h, 16h e 20h	Espectáculo Teatral “Jorges – A Poesia de Jorge Fernando” Companhia de Repertório do Riso ao Pranto	
07/06 (qui) 08/06 (sex)		CIA URBANA DE TEATRO FEST EM CENA NATAL 2007	Preço único:R\$3,00
09/06 (sáb)	19h	Show Musical com Lany Gravação do CD	
10/06 (sex)	17h	Cineclube Natal Filme: Capote de Bennett Miller, 2005.	Preço único:R\$2,00
12/06 (sáb) 13/06 (dom)	18h às 20h	Recital de Alunos do IMWA	
14/06 (seg) 15/06 (sex)	19:30h	Espectáculo de Dança “Era uma casa...” Versátil Cia de Dança	
16/06 (sáb)		Grupo Lês Bavard’s Cia de Dança do Colégio Marista de Natal	
18/06		Grupo de Teatro B7C com Espectáculo Teatral “Romeu e Julieta” Texto: William Shakespeare e Direção: Márcio Rodrigues	Inteira:R\$ 10,00 Estudante:R\$5,00
19/06	15h	Amil “Programa Viver Melhor”	
21/06 22/06 23/06	19h	“Caravana Funarte de Circulação Nacional – Teatro”. Projeto Nu Nery	
24/06	18:30h	Cineclube Natal Filme: Whisky de Juan Pablo Rebell, 2005	
26/06	18h	Recital dos Alunos da Casa de Talentos Petrobrás	
27/06 28/06		CIA URBANA DE TEATRO FEST EM CENA NATAL 2007	
29/06	18h às 20h	Recital de Alunos do IMWA	
30/06	20h	Espectáculo de Dança “Nós da Cia” Cia Avançada de Dança do Contemporâneo	Inteira:R\$ 10,00 Estudante:R\$5,00

Programação sujeita à alteração, sem prévio aviso. Confirmar através do Telefone: 3232-5307 e 8839-8600.

EXPEDIENTE

-Diretor-
João Gothardo D. Emerenciano
-Editor-
Moura Neto
-Revisão-
João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani

-Programação Visual-
Josivan Ribeiro Justino
-Capa-
Newton Navarro
-Gerente Comercial-
Carlos Frederico da Câmara
-Impressão-
Departamento Estadual de Imprensa



Avenida Prudente de Moraes,625 - Tirol -Natal/RN - CEP 59 020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal

Os seminaristas

Dezembro de 1978, dois jovens de boa aparência, numa tarde ensolarada encontram-se na sala de uma bonita casa na cidade de Miguel Pereira, estado do Rio de Janeiro, conversando com uma senhora de aproximadamente 60 anos. Os jovens diziam ser seminaristas pobres que moravam e estudavam no Seminário Santo Inácio de Loyola, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Enquanto o mais velho dos dois de cabelos compridos usando blusa estampada e calça jeans, permanecia cabisbaixo, o mais jovem conversava com a dona da casa. Afirmava que ele, capixaba e seu colega potiguar eram de famílias pobres e que, além de seminaristas, faziam o curso de Direito na Universidade Gama Filho. Em virtude da distinção que haviam alcançado nos estudos ganharam, como prêmio, uma viagem a Israel, de onde haviam trazido dezenas de saquinhos de sagrada de Israel para distribuir entre os fiéis da paróquia de Jacarepaguá. Entretanto, algo contrário à vontade de ambos, os forçara a mudar seus planos...

O mais velho dos dois, que até então se mantivera calado, ao perceber que o rosto do seu colega era tomado por uma expressão triste, dirigiu-se à dona da casa: "Dona, estamos ameaçados de perder a vaga na faculdade pois o convênio que garante os custos dos nossos estudos foi suspenso e a única maneira que encontramos para levantar algum dinheiro e tentar resolver nosso problema foi..." Em seguida, abriu sua bolsa e tirou de dentro dela alguns saquinhos plásticos contendo areia. Em seguida, com uma expressão triste no olhar, concluiu: "...nos desfazemos



desta relíquia sagrada". O jovem levantou-se subitamente e, segurando os saquinhos entre os dedos, dirigiu um olhar suplicante para a mulher, cujos olhos marejavam. O seminarista prosseguiu: "Quando tomamos esta dolorosa decisão, olhamos ao acaso no mapa do Estado do Rio e escolhemos a cidade de Miguel Pereira para visitar as pessoas de bom coração, principalmente católicas praticantes e pedir uma ajuda. Não temos intenção de fazer comércio com o que é sagrado, mas, se a senhora quiser nos ajudar, basta ficar com um ou dois saquinhos. A areia sagrada é de graça... Mas se a senhora quiser nos ajudar, qualquer importância serve... Muito mais tem Deus pra lhe dar..."

A bondosa senhora pediu ao jovem cinco saquinhos, e de posse destes, sem falar mais nada (a emoção não deixava), contemplando como que hipnotizada os sacos, contendo "a areia do solo sagrado onde Jesus pisara", retirou-se por alguns instantes da sala. Ao voltar, além de ajudar aos dois seminaristas pobres com uma boa quantia em dinheiro, ainda serviu um lanche "reforçado". Ao sair dali, os dois rapazes não

cabiam em si de contentes. Principalmente eu. Sim, é isto mesmo: **eu** era o "seminarista" cabeludo de blusa estampada e olhar suplicante...

Na época, eu vendia livros. O Natal de 78 estava próximo. Stefenson, meu filho mais velho, fizera três anos em Novembro e eu queria dar a ele de presente um carrinho, (modelo MP Lafer amarelo (modelo de grande sucesso na época), desses em que as crianças sentam ao volante e dirigem como se estivessem dentro de um automóvel de verdade. Mas com o dinheiro que ganhava vendendo livros, não poderia comprá-lo. Foi então que o meu amigo Antônio Tavares (que, apesar do sobrenome não tinha nenhum parentesco comigo) teve a idéia da "areia sagrada", pois ele também estava precisando levantar uma grana para passar uns dias em Angra dos Reis com a namorada. No principio hesitei, mas depois topei. Compramos os saquinhos nas Casas Matos, no Largo da Carioca, enchemos todos eles com areia do "solo sagrado"... da praia de Copacabana e pegamos o primeiro ônibus para Miguel Pereira. Em um dia de "trabalho" eu levantei a grana de que precisava e voltei então, para o Rio de Janeiro. Meu colega, empolgado, resolveu ficar mais alguns dias. Emprestei a ele minha pasta de vendedor, mas ele se deu mal, ao bater à porta de um verdadeiro seminarista, que sabia não existir no Rio nenhum Seminário Santo Inácio de Loyola. Na pressa de voltar para o Rio, Tavares extraviou minha pasta...

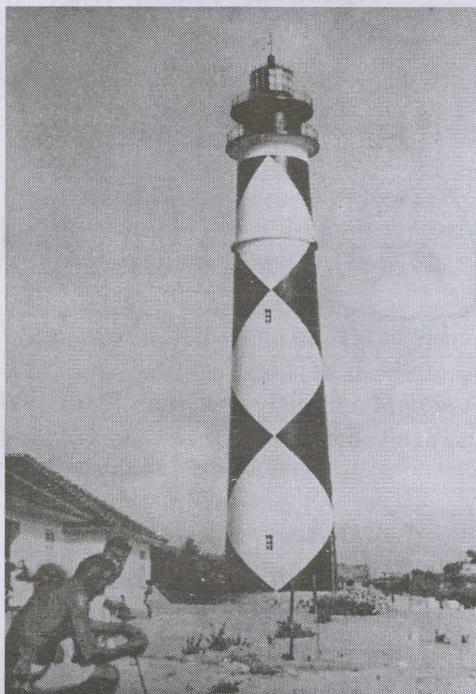
A luz guia dos navegantes

Anavegação por ser um meio de transporte de fundamental importância para a humanidade, tem contado com a ajuda de anjos da guarda, cuja luz tem apontado o perigo e orientado o bom caminho, os Faróis, sinaleiros dos navegantes.

Em Natal, um morro próximo a praia do Pinto, existia uma parteira que ao se deslocar para prestar, a noite, os seus meritórios serviços de ajudar as parturientes que estavam prestes a “dar a luz”, alumiaava os seus caminhos com um lampião. Esta senhora era conhecida por “Mãe Luíza”. Em homenagem a esta parteira, o Morro do Pinto, passou a ser conhecido como morro de “Mão Luíza” e posteriormente, quando toda aquela área foi transformada em bairro. A humanitária senhora foi novamente homenageada, passando o bairro a ser denominado com seu nome.

No Governo interino de Eliseu Leite, a prefeitura de Natal cooperando com o plano de desenvolvimento do Ministério da Marinha para construir faróis ao longo da costa brasileira, fez a doação de uma área de 34.500 metros quadrados de um terreno do patrimônio municipal para a construção do farol da cidade do Natal. O local escolhido foi um platô no morro de 'Mãe Luíza'.

A sua construção iniciada em 05 de março de 1949, pela firma Gentil Ferreira da Souza, sob a fiscalização da Capitania dos Portos deste Estado, levou dois anos, um mês e nove dias para a sua



Farol de Mãe Luíza em 1953

conclusão. Em 14 de março de 1951, estava concluída a torre de concreto pintada de branco, com 37 metros de altura e 151 degraus, juntamente com três casas de alvenaria que serviria como residência dos faroleiros e da tripulação que deveria guarnecer e conservar aquela estrutura.

O farol de “Mão Luíza”, em relação ao nível do mar, alcança a altitude de 87,08 metros, é o farol mais alto da América do Sul. A Luz guia dos navegantes tem a capacidade de alcançar uma distância de 24 milhas (44 quilômetros) com lampejos a cada 12 segundos.

A inauguração do Farol de Natal foi presidida pelo Almirante Raul Santiago Dantas, Chefe do

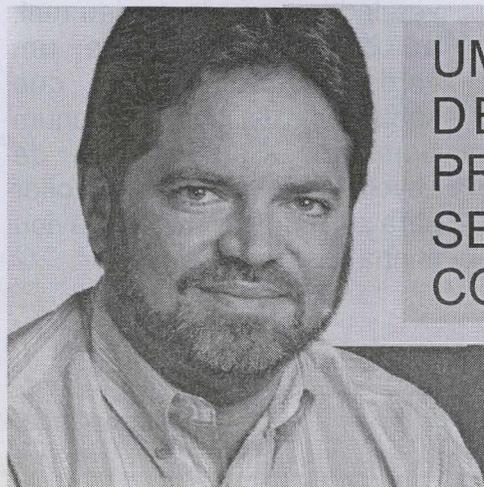
Estado Maior da Armada. A solenidade aconteceu às 17:00 h. do dia 15 de agosto de 1951, e contou com a presença do Governador do Estado Silvio Pedroza; do Contra-Almirante Haroldo Rubens Cox, Comandante do 3º Distrito Naval e, dos Chefes dos Poderes Judiciário e Legislativo, de altas autoridades Federais, Estaduais e Municipais, além de convidados da sociedade natalense.

Para a solenidade foram distribuídos convites pelo Capitão dos Portos deste Estado, na época, o capt. de Corveta, Leopoldo Braz Mesquita Bastos. A Banda de Música do 3ª Companhia Regional de Fuzileiros Navais tocou na solenidade.

O Farol de Natal que é administrado pela Capitania dos Portos do Rio Grande do Norte é, em razão de sua localização, um verdadeiro mirante já que é possível se ter uma vista panorâmica, uma parte da cidade, podendo ainda ser avistado a Praia de Genipabu ao Norte e a Praia de Ponta Negra ao Sul.

Normalmente, a atividade matinal da festa da Padroeira daquele bairro, é encerrada com uma oração, ao nascer do sol, realizado em volta do Farol. Ele é hoje um dos importantes pontos turísticos da cidade e para gáudio nosso, continua a espargir luz do alto do morro de Mãe Luíza, sobre as águas atlânticas que azulejam o litoral da cidade do Natal.

Manoel Procópio de Moura Junior



UM HOMEM PÚBLICO TEM O DEVER DE ZELAR PELA MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA DO SEU POVO, CONTRIBUINDO ASSIM COM SUA IDENTIDADE

VEREADOR
EMILSON

Valquíria e o menino

Foi assim de uma hora para outra. Quando a via, olhava para ela de um modo diferente, e sentindo despertar-lhe uma coisa nova que a sua pouca idade não poderia discernir. Às vezes ficava sem vontade de brincar com os amigos na pracinha, só querendo olhar para a moça que se sobressaía diante das amigas pelo jeito festivo, o timbre da voz, a conversa incessante. Aquela moça branca, branca como... Como o quê? Não sabia como comparar a cor da sua pele. Curioso: se não estava perto de Valquíria, não pensava nela. Era quando a encontrava (às vezes durante o dia), que aquilo lhe ocorria. E se punha determinado a não perdê-la de vista quando ela volteava pela pracinha com as amigas.

Uma noite Valquíria não estava acompanhada das amigas. Ficou com uma sensação de perda, como se um amigo lhe tivesse levado o gubi que amava, a bola que o pai lhe presenteara no último aniversário, com a qual dormia abraçado. Qualquer coisa assim. Mas não arredou pé da pracinha. Foi apostar corrida com os amigos. Num dado momento descobriu-a



num banco com um rapaz. Parou de correr, num instante. Os amigos o chamavam, o xingavam, e ele ali estático, como se alguém muito forte o prendesse pelos braços. Estava a uma pequena distância de Valquíria e pôde observar que as alvas mãos dela estavam entrelaçadas com as do namorado. Não sabe o que lhe deu, para, de repente, sair da posição estática e se dirigir para o banco. Foi numa reta em direção aos dois. Para que, meu Deus? Ele próprio não saberia explicar o ato impulsivo. Ao chegar bem próximo do casal, olhou para Valquíria, ela olhou para ele e (jamais poderia imaginar a reação dela) lhe sorriu. Os

dentes imaculadamente brancos, tal a pele. Ele se voltou e saiu em disparada.

Deixou de freqüentar a pracinha. Os amigos não atinavam com a causa da recusa e ele inventava desculpas que não os convenciam. Mas manteve a decisão. Chegou a ver Valquíria uma ou outra vez na rua (numa delas estava com o namorado, ele com a mão sobre o ombro dela), mas não quis olhar para o seu rosto. Ainda que fosse para receber um sorriso.

E não muito tempo depois, Valquíria foi embora para nunca mais voltar. Um dia, à hora do almoço, o menino ouviu o pai dizer que o pai de Valquíria ia se transferir para outra cidade. Foi feito um soco na cara do menino. Terminou, às pressas, de comer, foi para o seu quarto, deitou-se na rede, e pensando em Valquíria, cantou, baixinho, uma música que tocava quase todas às noites na amplificadora, em cujos versos um homem revelava o seu amor por uma outra Valquíria.

Francisco Sobreira

CENTRO AVANÇADO DE ENSINO

Av. Deodoro da Fonseca, 871 – Centro – Natal/RN

Fone: 3221-1169

- Livros
- Suprimentos p/ informática
- Papelaria
- Móveis p/ escritório

Rua Amaro Barreto, 1243 - Alecrim - Natal/RN
fone/fax: (84) 3211-4966 / 3201-4100

Um olhar sobre o cordel

A necessidade de fazer alguma coisa, que pela nossa concepção é sempre salutar, levou-me, confesso, entretanto, que sem nenhuma pretensão a flertar carinhosamente a literatura de cordel.

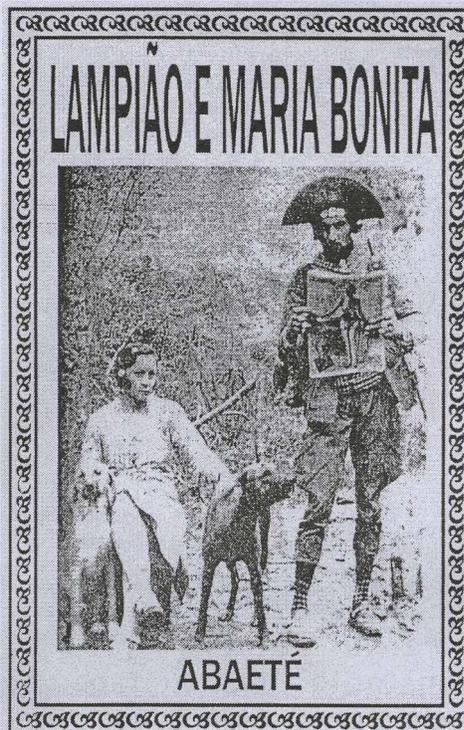
O que me parece oportuno reforçar, embora ainda não seja um consenso no âmbito educacional, essa literatura, modéstia a parte deveria constar nos currículos escolares.

A meu ver, a literatura de Cordel é uma vertente efetivamente importante – pelas intenções e pelo êxito da realização – mas que de certa maneira não é valorizada. No tocante, há negligência aos extremos com as belas letras: gramática, eloquência, poesia e literatura –, conquanto, essa última será o nosso objeto de estudo.

Neste sentido, flertaremos-la, com ênfase a literatura de Cordel, de súbito somos enfáticos ou repetitivos: essa literatura não é valorizada como deveria ser. No entanto, deixamos transparecer a existência de pessoas que não tem a sensibilidade de enxergar o simples, o cotidiano, o que estar próximo; não obstante, foram ensinadas e treinadas a ter esse tipo de comportamento. E o mais agravante é que não conseguiram, não conseguem e não conseguirão se soltarem destes grilhões, estão sempre os reproduzindo. Seja de modo inconsciente ou não. Que triste realidade!...

Ora, em termos bem objetivos, essa literatura tem a capacidade “de responder a uma expectativa partilhada, seja ela da ordem da devoção, da utilidade ou do imaginário” (Chartier: 1988; 173).

Porém creio que muitos educadores têm receio, repugnância, adversidade e até mesmo literalmente falando, medo da literatura.



Especificamente a literatura de cordel, que pelo comportamento deles nos levam a tal asserção.

Infelizmente, não é falácia nem tampouco imaginação estéril. É fato visível.

Eu não quero ser polêmico, ao insinuar que essa negação a literatura de cordel, por parte significativa de indivíduos que atuam no âmbito educacional, seja algo tendencioso – porém, empiricamente é verídica. Não nos desesperemos, talvez uma pesquisa mais elaborada nos dê essa resposta com mais precisão –, mas continuo acreditando na pobreza espiritual e mental dos “paladinos” que projetam e executam as nossas políticas públicas educacionais, e isto gera o medo e a instabilidade.

Os estudiosos e os amantes da literatura de cordel num ponto irão concordar conosco, que para habitar este universo é preciso ter leveza espiritual, é preciso ter uma consciência elevada, é preciso ter um coração sublime.

De maneira geral, fazemos tal ponderação pela espontaneidade e informalidade como é tecida, produzida e distribuída essa literatura.

Aqui vai o sinal nítido e visível disto que vos afirmo:

“Não agüento mais essa vida sem ter dinheiro pra comer andar e bem viver só sei duma coisa pobre não quero ser”.

(O homem que morreu podre de rico. P.1 – Autor: Boquinha de Mel).

Observe a espontaneidade e a informalidade com que o autor retrata a coexistência humana de um ser ou talvez a sua própria que vive em condições de miserabilidade. Por outro lado constatar-se a leitura da contemplação de um quadro que nos sensibilizara, despertando em nós um estado emotivo.

Daí a espontaneidade desse olhar sobre o cordel, ao nosso entender, o olhar é a “porta de entrada” da alma humana; portanto, é através dele que tentaremos enxergar bem o presente e empreender uma perfeita narração destes fatos presenciais, o que será de proveito nosso e acredito das gerações futuras.

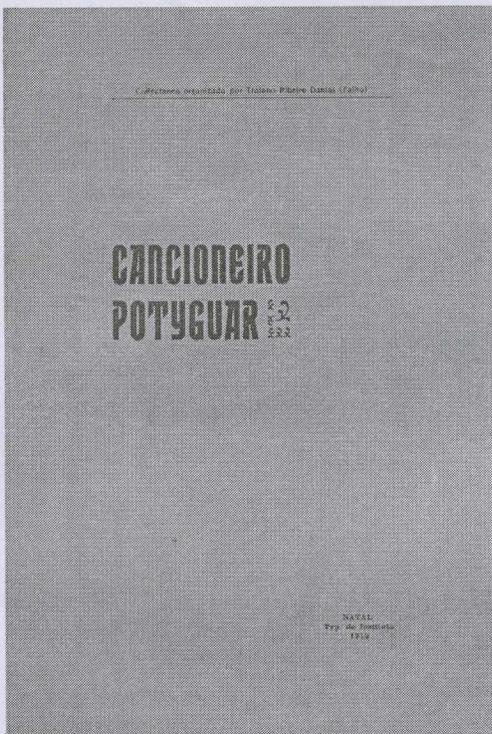
Esse nosso olhar transcende, de muito, os limites de uma temática simplesmente local, uma vez que as análises mais recentes da não utilização também da literatura de cordel no âmbito educacional de outros municípios norte-riograndenses, permitem-nos que se generalize o processo, em esfera estadual.

Assim sendo, que se registre, não pretendemos fazer da literatura de cordel uma vertente Heurística. Pelo contrário, abrimos uma vereda que poderá ser útil na nossa breve passagem...

Natal, cidade das serenatas

A cidade de Natal tem a designação de “cidade do sol”, que vem sendo divulgada e apregoada no campo do turismo. Nada mais certo e apropriado. Bem que poderia ser igualmente anunciada quando, em momentos “sem sol”- durante as noites – fosse identificada como A CIDADE DAS SERENATAS.

Nos fins de 1800 e começos de 1900, era uma cidade de serenatas e seresteiros. Tal conclusão foi possível quando o autor pesquisava para preparar o livro A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE, publicado em 2000. Para começar, entenda-se como modinha a canção romântica, cantada em saraus e, principalmente em serenatas. A busca de informações sobre as modinhas compostas por autores locais – poema e melodia – mostrou ser muito mais numerosa em Natal do que em outros locais do País. Tal conclusão foi possível após a consulta e comparação com toda a bibliografia disponível naquele momento no País sobre esta forma da música popular brasileira. Não houve ocasião para dúvidas: a produção natalense foi bem maior que nos outras cidades brasileiras.



Coletânea organizada por Trajano Ribeiro Dantas (1912)

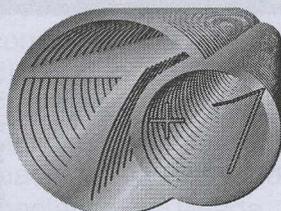
No referido livro estão incluídas as partituras de 361 canções recolhidas em Natal. Destas, 201 são de autor comprovadamente natalense e mais 144 de compositor não identificado, mas cantadas em Natal. Foram ainda incluídas 11 canções de origem baiana e 5 canções do período de transição modinha/canção brasileira. A esses números acrescenta-se o encontro de mais 104 modinhas constantes de velhos cadernos manuscritos e publicações em jornais, com clara indicação dos autores de letra e música. Infelizmente, estas últimas já

estavam esquecidas, não havendo mais ninguém que se lembrasse das suas melodias. Este é o total, um número decerto incompleto do que havia e se cantava por aqui, em saraus e serenatas. Se nos resumíssemos às 201 modinhas de autor local, já teríamos um elevado número, considerando-se a pequena cidade que as produziu.

Nenhuma cidade brasileira comprovou (até a data presente) uma produção que ultrapasse os citados números.

No meio desses dados estatísticos chegou o momento de se fazer um destaque especial para os nossos mais prolíficos modinheiros: Olympio Baptista Filho Natal, (13/05/1889-15/08/1942) aparece com 35 modinhas; Heronides de França (Natal, 1860-Recife, 1926), com 23 (sendo 10 a ele atribuídas) e Eduardo Medeiros (Iatapassaroca, RN, 21/06/1887 - Natal, 20/06/1961), com 20 dessas canções. Muitos outros mais se apresentam, porém com produção mais resumida.

Para comprovar a popularidade dessas músicas locais considere-se o número de publicações sobre o tema. Destaca-se, entre elas, o “Cancioneiro Potiguar”,



**SALESIANO
NATAL**

**Há 71 anos, educando e evangelizando
a juventude potiguar.**

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - CEP 59.012-530 - Natal/RN - Tel.: (84) 3211-4220/ 4431- Fax: (84) 3611-1027

E-mail: salenatal1@digi.com.br - Home page: www.salesianonatal.com.br

publicada em 1912 por Trajano Ribeiro Dantas. Dele constam 35 poemas de autores potiguares que foram musicados também por músicos da cidade. Isto, no ano de 1912... Lembremo-nos ainda do jornal "Trovador Potiguar", que circulou entre 1923 e 1924, intitulava-se *orgam dos bohemios e se dizia orgam destinado exclusivamente à publicação de canções, modinhas, lundus e fados*. Mais tarde (1962) Gumercindo Saraiva publicou o "Trovadores Potiguares", contendo apenas os poemas de muitas modinhas, sem incluir as partituras. Muito comum era as pessoas organizarem álbuns, livros em branco onde copiavam as letras das modinhas que eram divulgadas oralmente. Como exemplo, o álbum de Clara Soares de Araújo (Assu, 1881-Natal, 1975), que começa com a primeira moda que aprendera em 1885 e inclui mais 132 outras, copiadas pessoalmente. Dessas, foi possível recuperar e publicar 82 modinhas, todas constantes do A MODINHA NORTE-RIO-GRANDENSE.

Uma modinha de autor local se tornou bastante popular no País: "O poeta e a fidalga", poema de Segundo Wanderley (Natal, 1860-1909) e música de Heronides de França. Encontra-se nas principais coletâneas de canções nacionais, e em algumas delas não há



Olympio Baptista Filho

referência aos autores. Curioso é a sua presença nas páginas do ABC DO FOLCLORE BRASILEIRO, de Rossini Tavares de Lima. O título está trocado para "Bem sei mulher, bem conheço", que é o texto do primeiro verso de sua segunda estrofe. Os versos estão alterados e a melodia registrada apresenta diferenças em relação à que se cantava em Natal. Interessante é a informação: Procede de Jundiáí, Estado de São Paulo, onde era cantada desde os inícios deste século e foi recolhida em 1947. É uma das raras modinhas de tom menor. Tem-se aqui uma modinha norte-rio-grandense cantada nos inícios dos anos 1900 e em local tão distante de sua origem. É oportuno

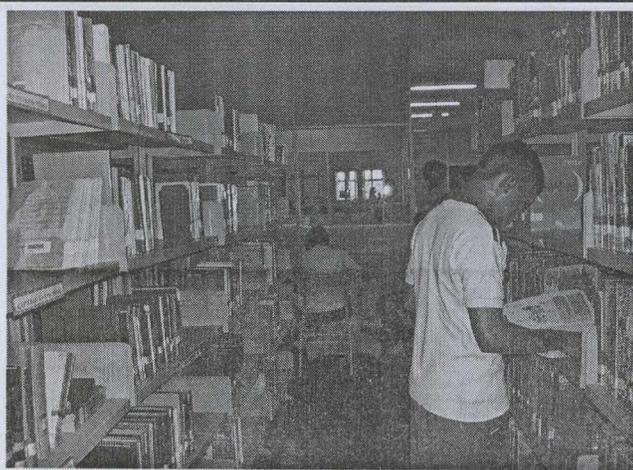
esclarecer que a melodia está estruturada em tom maior e não é uma das raras modinhas em tom menor, como diz o autor.

Luís da Câmara Cascudo, em sua crônica "O poeta e a fidalga, de Segundo Wanderley", confirma sua popularidade; lembra tê-la ouvido cantar no Rio de Janeiro, 1919, pelo cantor "Baiano", muito conhecido à época. Fazia parte do repertório do renomado cantor "Cadete" e do não menos famoso Catullo da Paixão Cearense. Pena que esta canção tenha sido gravada a nível nacional apenas em um recente LP não comercial.

As autoridades culturais e os promotores do turismo local bem que podiam imitar algumas cidades do interior de Minas Gerais, que recebem visitantes para assistirem às serenatas locais por eles promovidas. Natal ainda tem velhas ruas, na Ribeira e Cidade Alta que poderiam transformadas durante as noites de lua em "ruas de serenata", e ali revividas as nossas velhas tradições.

Seria um bom momento para valorizar o que é legitimamente natalense e evocar uma fase tranqüila e romântica de nossa CIDADE DAS SERENATAS.

Cláudio Galvão



A Biblioteca do Colégio Salesiano vem se destacando junto aos seus alunos, oferecendo em suas atividades, aulas de metodologia do trabalho escolar, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, como também visitas programadas, aulas sobre a cultura norte riograndense e participação na mostra científico-cultural. Oferece um ambiente onde crianças, jovens e adultos possam desenvolver o hábito e o gosto pela leitura.

Clediane Guedes
Bibliotecária

Destaques cinematográficos de 2006



16º FestNatal
Festival de Cinema de Natal

IV Mostra Vidas na Tela

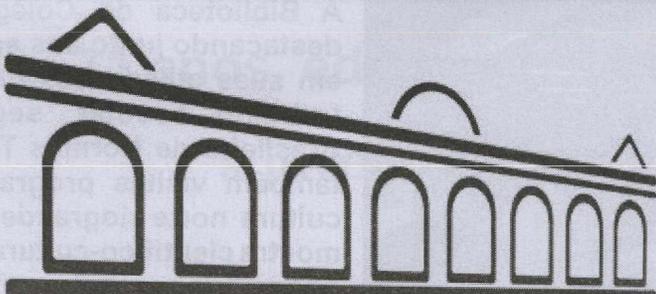
03 a 09/novembro/2006

Moviecom
(Praia Shopping)

Eu não sou um colunista cinematográfico. Não escrevo notícias ou notas sobre a atualidade da Sétima Arte no Rio Grande do Norte. Eu sou mais um pesquisador voltado para conquistas e curiosidades desta arte em nosso passado. Mesmo assim, pretendo aqui relacionar os fatos de maior destaque, quanto à Sétima Arte, acontecidos entre nós no ano passado.

A partir de 10 de março, passou a funcionar no shopping Midway Mall o cinema multiplex das sete salas da empresa Cinemark. Na inauguração, filmes como o ganhador do Leão de Ouro do Festival de Veneza e também ganhador de três Oscars (incluindo o de Melhor Direção) "O Segredo de Brokeback Mountain", do consagrado diretor Ang Lee. Apresentado na sala 4.

O exemplar de abril/junho da revista "Brouhaha", da Prefeitura Municipal de Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes, publicou matéria assinada por Gabriela Freire e Yuri Barros revelando o perfil de nove realizadores individuais e um grupo (diretores, editores e roteiristas) que vem se destacando na produção audiovisual (cinema e vídeo) norte-riograndense. Inclusive, o grupo "Caminhos" foi o único selecionado no Estado para o Prêmio Cultural



**FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes**

Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956



BNB 2006, pelo filme “Com Quantas Ave-Marias se Faz uma Santa”.

Em maio, a cerimônia de entrega do Prêmio Cultural Diário de Natal foi realizada pela segunda vez, sendo entregue o troféu relativo a Cinema à cineasta jucurutuense Jussara Queiroz, autora dentre outros do filme premiado “Acredito Que o Mundo Será Melhor”. A cerimônia foi realizada no recinto do Teatro Alberto Maranhão.

Em 2006, o SESC – Serviço Social do Comércio completou 60 anos de atividade em todo o Brasil do SENAC. Dentre estas atividades, está um trabalho sistemático de divulgação do cinema, desde 1981. Em 16mm., VHS e mais recentemente em DVD. No Rio Grande do Norte, o SESC conta com três locais para exibição de seus filmes: um em Natal (no restaurante, à av. Rio Branco), um em Macaíba e um em Mossoró. Dentre as iniciativas deste ano comemorativo, o cinema no SESC em Natal, sempre coordenado inteligentemente por Glaunice Fernandes, mostrou, nos dias 05, 07, 09, 12, 14 e 16 de junho grandes clássicos do cinema, conseguidos para exibição graças à parceria com o colecionador Tonny Rocha e o cinéfilo Roberto Iglesias. Estes clássicos foram: “Johnny Guitar”, “Rômulo e Remo”, “Tarzam e a Caçadora”,

“Barragem Maldita”, “O Ébrio” e “Dio Como Te Amo”.

No contexto preparatório do 16º Festival de Cinema de Natal – FestNatal, realizou-se em agosto o 6º Festival do Vídeo Potiguar, com vídeos ficcionais e documentários.

Em agosto, a revista natalense “Foco” publicou o resultado da pesquisa Top of Mind, com as empresas mais lembradas pelos consumidores natalenses, em cada segmento empresarial. A Locadora de Vídeo e DVD vencedora foi a Yellow Vídeo.

Mantendo a tradição de colaboração com este periódico natalense “O Potiguar” (iniciada ao final do século passado, com o artigo “Quando Natal Viveu a Febre Temple”, publicada no exemplar de agosto/setembro de 2000), em cada um dos dois números do jornal publicados em 2006, eu publiquei artigo sobre cinema: “Astros e Estrelas de Hollywood em Natal” (no exemplar de agosto/setembro) e “Cartões Cinematográficos” (no exemplar de dezembro).

A 05 de outubro, foi lançado na Praça Cívica do Campus da UFRN, por ocasião da Feira de Ciência e Tecnologia – Cientec, o livro “Clarões da Tela – O Cinema Dentro de Nós”, antologia de 76 críticas cinematográficas por 68 autores, a maioria nordestinos. A antologia foi organizada e coordenada por Bené Chaves e Marcos Silva.

São críticas sobre os grandes clássicos do cinema, de “Intolerância” (Griffith, 1916) a “Fale Com Ela” (Almodóvar, 2002).

Em novembro, começou, com locações em nosso Estado, a rodagem do filme “As Pelejas de Ojuara – o Homem Que Desafiou o Diabo”, dirigido por Moacyr de Góes, produzido por Luiz Carlos Barreto e baseado em romance do nordestino Nei Leandro de Castro. Marcos Palmeira, o principal ator do filme, está na capa da 2ª edição do romance, também publicada em 2006, pela editora Arx.

O 16º Festival de Cinema – FestNatal foi realizado, começando com apresentação, de 03 a 09 de novembro, da série de produções filmicas dentro do tema IV Mostra Vidas na Tela, filmes biográficos. A 17 de novembro, no contexto do festival foi concedido a Bené Chaves o Prêmio Berilo Wanderley, que em 2005 fora concedido ao crítico Arnóbio Fernandes.

A 05 de novembro, a revista-suplemento semanal “Domingo”, do jornal mossoroense “Jornal de Fato”, publicou entrevista com o empresário mossoroense Luiz Pinto, onde ele explicou como tem resistido às dificuldades para manter o seu Cine Pax.

Anchieta Fernandes

P R O J E T O

N A Ç Ã O

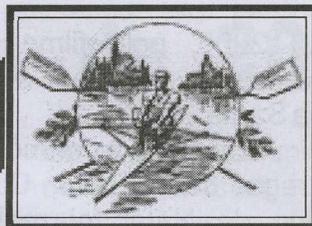
Potiguar

nacaopotiguar@uol.com.br

A P R E S E N T A

GRANDES NOMES
MÚSICA REGIONAL
MÚSICA NACIONAL
FOLCLORE
TEATRO
POESIA

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Alberto Roselli

Alberto Roselli nasceu em Natal(RN), em 17/03/1886, e faleceu no Rio de Janeiro a 21/07/1966, aos 80 anos de idade. Era filho de Ângelo Roselli e Sophia Pipolo Roselli, ambos italianos.

Desde jovem educou-se na Suíça, onde graduou-se doutor em Ciências Jurídicas e Comerciais, diplomado pela Academia Internacional de Zurich. Retornando ao Brasil, formou-se pela faculdade de Direito do Recife (PE), em 1911. Falava seis idiomas – português, francês, italiano, espanhol, inglês e alemão. De volta a Natal, passou a exercer a profissão de advogado e ocupou vários cargos – professor de inglês do velho Atheneu Norteriograndense; Educação, Moral e Cívica na Escola Normal de Natal; vereador e Intendente Municipal de Natal e Diretor da Escola do Comércio de Natal, onde lecionou a disciplina de Direito Comercial; advogado dos mais notáveis do foro da capital; foi Presidente da Ordem dos Advogados/RN e do Conselho de Contabilistas/RN; membro do Conselho Penitenciário do Estado; do Centro de Imprensa Católica e de outras associações civis, religiosas e esportivas.

Foi rica sua dedicação á

vida esportiva potiguar, tendo sido o primeiro árbitro de futebol de Natal ao apitar partida realizada em 1917, em disputa de uma "Taça", promoção dos desportistas José Potiguar Pinheiro e Cícero Aranha, no descampado da Praça Pio X (onde hoje está construída a



nova Catedral de Natal), em virtude de ser o único natalense, naquela época, conhecedor das regras oficiais do novo esporte que apareceu na Inglaterra – o futebol, quando estudava na Suíça, onde ali já se praticava o futebol. Depois foram aparecendo outros juizes em Natal, como Mário Severo, Júlio Meira e Sá, Loris Cordovil e

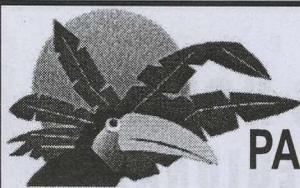
Sérgio Severo.

Com o comte. Antonio Monteiro Chaves, Henrique Castriciano, Cícero Aranha, Luiz Potiguar Fernandes e João café Filho, fundou o CSN – Centro Sportivo Natalense, que seria com o ABC Foot-Ball Clube e América Foot-Ball, o terceiro clube de futebol oficial da cidade, que deu oportunidade para ser fundada a LTDRN – Liga de Desportos Terrestres/RN, em 04/08/1918, cujas leis vigentes só permitiam a entidade ser fundada, com no mínimo, três clubes (outros clubes já existiam, porém, sem consistência), para dirigir os destinos do novo esporte em nossa terra.

O comte. Monteiro Chaves foi eleito o primeiro Presidente da Liga, tendo como vice-Presidente, o Dr. Hemetério Fernandes, Juiz de Direito de Ceará-Mirim (RN), auxiliados por Alberto Roselli, o orador, e Cícero Aranha, o secretário.

Ainda com Jayme dos G. Wanderley, Silvino Dantas, Júlio Meira e outros, fundou o Natal Foot-Ball Clube, o primeiro com esta denominação em Natal.

Luiz G.M.Bezerra



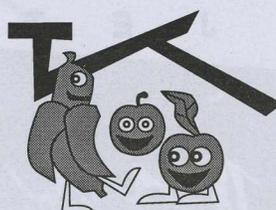
**Restaurante
PALADAR TROPICAL**

Self Service com
comidas regionais

**AOS SÁBADOS E DOMINGOS
BUFFET ESPECIAL**

AV. PRUDENTE DE MORAIS, 1952
TIROL - FONE: (84) 3221-5475

A Ki - Tanda



**DISKTANDA
3223-3161**

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

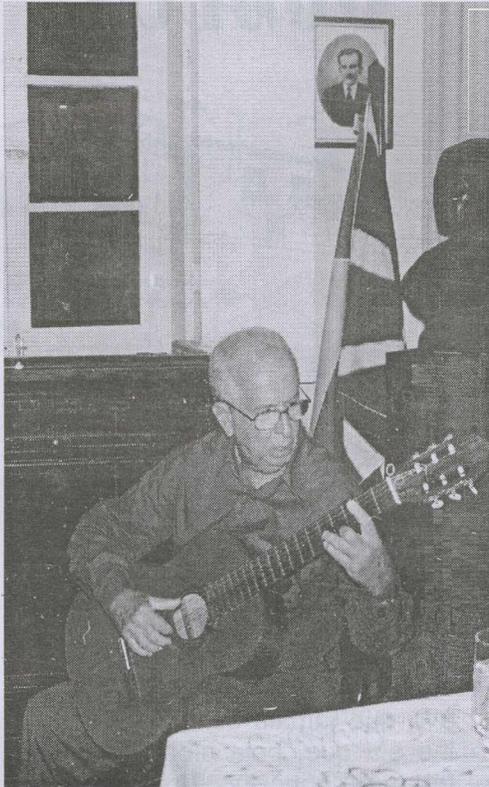
Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

Genardo Lucas da Câmara

Genardo Lucas da Câmara nasceu em Natal, na rua Mossoró, bairro do Tirol, em 18/12/1934. Estudou o curso primário no Grupo Escolar Augusto Severo, onde teve a primeira experiência com a música instrumental, passando a tocar trombone com teclas na banda de música daquele estabelecimento.

Começou a ter intimidade com o violão aos 14 anos de idade, em companhia do grande violonista João Lucas da Costa Sobrinho, seu saudoso pai e o apoio moral de sua saudosa mãe Aline Lucas da Câmara no qual deve toda a sua vivência no universo da música. Casou-se com a Sra. Maria da Conceição de Oliveira Câmara no qual constituiu seis filhos.

O seu primeiro concerto ao público foi realizado no Teatro Carlos Gomes, hoje Teatro Alberto Maranhão em um festival de arte no dia 12/01/1954, às 20,30 hs, se apresentando também em 1957, na sede do ABC F. C. Fez outro concerto no auditório do Cobana na Base Naval de Natal. Todos estes concertos patrocinados pelo Clube do Violão de Natal, sociedade civil fundada no final dos anos 40 no qual foi um dos fundadores juntamente com o seu pai e que cultivava a harmonia dos instrumentos de corda, promovendo cursos, concertos e festivais de músicas de artistas famosos e dos



Apresentação na sede do Instituto Histórico e Geográfico do RN

compositores conterrâneos. Apresentou-se, também, no salão nobre da Caixa Econômica Federal em tournée muito concorrida realizada em Recife.

O nosso querido e estimado violonista foi notícia nas crônicas sociais dos jornais de Natal na década de 50, através de um seleto grupo de jornalistas: Jaime dos G. Wanderley, Carlos Lamas, Newton Navarro, Berilo Wanderley e Aderbal de França, mais conhecido como Danilo.

Na sua formação

profissional exerceu o cargo de escrivão, reunindo todos os ofícios de justiça, inclusive o tabelionato do Cartório do Distrito Judiciário de Redinha durante 11 anos, da Comarca de Natal em 1953, nomeado pelo Governador do Estado, Sylvio Piza Pedrosa, e exonerado a pedido do próprio Genardo Lucas em 1965. Concluiu o Técnico de Contabilidade na Escola Técnica de Comércio "Dr. Alberto Maranhão", ingressando na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no curso Superior de Contabilidade, estudando até o último período do curso, faltando apenas pagar uma disciplina. Exerceu esta atividade profissional de Contabilista que também foram 11 anos na Fundação SESP – Ministério da Saúde. A partir daí passou a exercer a profissão de Técnico de Contabilidade com escritório estabelecido no qual se aposentou.

Hoje o seu maior projeto de vida é o violão. Atualmente vem ensaiando 6 horas por dia e preparando um cd com músicas regionais e clássicas onde estão sendo tocadas na FM Universitária do nosso Estado.

Carlos Frederico da Câmara

Ativo
Contabilidade

Qualidade é a nossa diferença
Disk Ativo 4000: (84) 3521- 4000

Macau, Guamaré, Pendências e Alto do Rodrigues

Cultura é Responsabilidade Empresarial Social sim, senhor!
Com responsabilidade fazemos parte da cultura Potiguar.

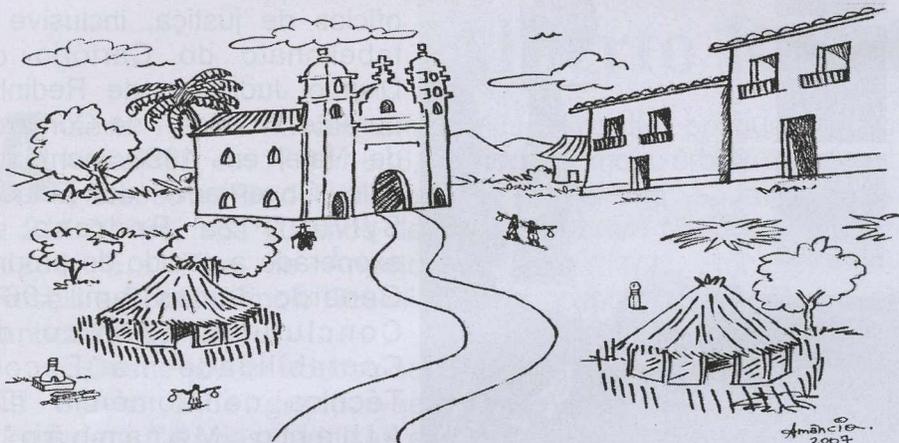
GALVÃO
MESQUITA
ILUMINAÇÃO

FONE: 3213-8656

WWW.GALVAOMESQUITA.COM.BR

iluminacao@galvaomesquita.com.br

Dobres



... não escrevemos a história, escrevemos para história.
Luiz da Câmara Cascudo

Certo é que há fatos que escapam ao registro perseverando-se porém na memória.

Quando, em 1862, a igreja de nave única e único altar ganhou os altares laterais e título de Catedral já esta "historia" corria as ruas da Cidade Alta e duas outras eram as igrejas que celebravam as atividades diárias com o poder de seus sinos.

Diziam alguns, então, que a grandeza da Igreja era uma "Ópera di Feder"; outros, que de mentiras, assassínios e indulgências; uns outros ainda, mais fervorosos, viam no ser assim o Milagre do Dominium Orbis. A verdade é que, hoje, do início do Século XXI, embora as rádios executem as Ave Marias, muitos nem percebem que, não faz muito, éramos mais regidos pelo badalo dos sinos.

- Foi uns 150 anos, numa sexta-feira... dizia um dos jovens do grupo galhofando com trejeitos

do efeminado senhor de oitenta anos que recontara-lhes o que ouvira do que a mãe escutara da avó que jamais conheceu. Dizia-lhe ela que, pela alba da sexta-feira, o capuccino Ticcho di Pó, confessor da testemunha, arregalou seus grandes olhos e, de retro, lentamente, afastando-se do altar, esbarrou na porta, ali ficando absorto até atentar para as desesperadas pancadas.

Aberta a porta no breu, vislumbrou dois reluzentes vultos pálidos, alvos que nem cera:

- Frei... o senhor escutou... escutou os sinos!? Não foram os desta casa, foram?

Ticcho acenou que não e ou outro, mais aflito, com um pé adiante, entre risos e prantos murmurou:

- Estão aqui Deus meu!!! Estão aqui as talhas da paixão que sumiram da Igreja dos Escravos!!!

O Frei estranhou, olhou para os lados; também as talha não estavam ali no Angelos do

anoitecer anterior. E o sacristão: Pior, irmão, que as dozes badalas a meia-noite, foi constatar o sumiço da santa, lá do altar-mor!!!

Pasmo, o Frei Ticcho de Pó sorriu e, puxando-os, mostrou-lhes o altar da Igreja do Militares. Entrelharam-se, só podia ser um milagre... como ocupavam o mesmo altar as imagens?

Já dobre das cinco dispersara o alvoroço primeiro da manhã e os fiéis que ajudaram a repor os ícones – coube a avó do efeminado carregar a Virgem e recolocá-la no altar – acorriam ao chamado para missa das seis. Ai, ante ao burburinho que asseverava ser o fato uma cobrança daquele que fizera reconstruir a igreja queimada pelos holandeses sem ter podido concluí-la, boato este que multiplicava o pavor ao "demônios das trevas", o Frei arrematou o milagre dos sinos que ele próprio sequer ouvira: pregou que Deus, descontente com as injustiças terrenas, tentara unir em uma só as três Igrejas e fizera soar dos céus os sinos a meia-noite para vindicar o Advento.

Dizem, inclusive hoje, que esta foi a razão para que um certo Padre Santo irmão de Senador da República fizesse ultimar os altares laterais da Velha Igreja para que tomasse a forma de cruz e a torre com o sino para que se fizesse Catedral, ganhando com isso certa fama sobre o milagre.

Alberone Soares

S.O.S
CINTOS & CHAVES



A MÃO AMIGA!

Av. Amintas Barros, 1843 - Lagoa Nova - Natal/RN
(Próximo ao Bar Roberto Carlos)

Fones: 3231-1135 / 9964-1157

**Consertos de cintos de
Segurança em geral**

COM O MENOR PREÇO E GARANTIA

João dos Cintos
Sócio Gerente

Os amigos, não



O primeiro decêndio do mês de março estava vencido e o salário de Cláudio, igualmente. Em casa faltava alimentação e produtos de higiene pessoal, influido, o fato, negativamente, em sua vida.

A sua cara no momento, refletia o drama. Tanto que se encontrando com Manoel, velho amigo, este percebeu e indagou do que se tratava. Desabafou. Contou tudo.

-Não seja por isso, rapaz. Vamos ao supermercado ali perto. Compre o que estiver precisando. Eu estarei na boca do caixa lhe esperando. E pago a despesa. Vamos.

-Não. Não precisa se incomodar. Isso é gesto que a gente não ver hoje em dia.

-Conversa, rapaz. Não é incômodo, de jeito nenhum. E longe vá, esse sentimento de não se ver mais isso hoje. Vê-se, sim. Estou aqui. Sou seu amigo. E amigo é pra estas coisas. Hoje é

você, amanhã serei eu, quem sabe? E queria encontrar um amigo, amigo.

-Tá certo, Manoel Muito obrigado. E vamos, antes que você desista..

Entre risos, entraram no estabelecimento.

Cláudio comprou arroz, feijão, farinha, charque, margarina, óleo, sabonete, pasta dental, café, açúcar e lâmina de barbear. Importou tudo em 68,00 reais.

Satisfeito agradeceu demais a Manoel e de bem com a vida tomou o caminho de casa, feliz, no que podia, ao se apresentar à mulher e aos filhos.

Passou-se

No dia 31, às 11 horas, na repartição, recebeu telefonema de Manoel.

-Alô, Cláudio? Como vai? Eu estou na pior.

-Na pior, como, Manoel?

-Estou precisando de você. É sobre aquelas compras

do supermercado.

-As compras? Sim!...Deu algum bolo?

-Não, não. Bolo assim, com esse horror, não. Mas, deu. É o seguinte. Aquele cheque que dei no caixa; olhe! Era um cheque pré-datado. O supermercado aceita, faz campanhas, até. E eu crente que estava abafando, dei. Pro dia 12 do mês que entra. Dia 12! Pois, o apressadinho do gerente empurrou ele, hoje, já.

-E o que é que você quer se não for o que estou pensando?

--Que é isso, amigo velho? Ô xente! Tá me estranhando? Quero só saber se você pode me arranjar pelo menos uns 50, 00, pra eu cobrir o danado dos 68. Não tenho a quem recorrer.

Cláudio pensou e resolutu, falou:

-Posso. Não 50, mas os 68, todo. Aliás, vou lhe dar um cheque de 70, que esse negócio de 68 ou 69, eu não gosto. Nada, nada. Sincomode, não. Arranjo-me aqui com Canindé, que empresta a 20 por cento. E lhe levo aí.

-Canindé, não! Canindé é agiota safado! Cê sabe disso, Cláudio.

-Agiota ou não, é de onde tenho que tirar. Pode esperar por mim ai, dentro de meia hora. Os amigos não são para estas coisas?

Afrânio Pires Lemos

105anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2007
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

Cata Livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro
Fone: (84) 3201-9087

Súplica

Música: Olympio Baptista Filho

Letra: Ivo Filho

VOZ

Tão fri - a a noi - te, tão de - ser - ta a ru - a, O céu tão
cal - mo, mór - bi - do e som - brí - o; A - bre a ja -
ne - la, já não bri - lha a lu - a... Que - re - rás que eu a - dor -
me - ça nes - te fri - o? A - bre a ja - fri - o? Não, eu não

1. A D.S. al Fine

Não, eu não posso acreditar que a tua
Bondade cesse, e que teu corpo esguio
Não me queira aquecer, se a carne estua
E recebo o sereno deste estio!

Eu tenho n' alma ficções risonhas;
Não me é dado viver neste abandono.
É preciso dormir, pois tenho sono,
Nesta alcova cheirosa em que tu sonhas.

Abre a janela, meu formoso lírio;
Tudo é silêncio em torno do universo;
Somente tu palpitas no meu verso
E não devo sofrer este martírio.

FONTE
Música: José de Almeida
Letra: "Cancioneiro Potiguar"

Teu sorriso

Música e letra de Olympio Baptista Filho

VOZ

O teu sor - ri - so pa - ra mim con - têm to - da es - pe
ran - ça de um sor - ri - so a - ma - ço! E es - se sor - ri - so qua - se sem - pre
vem tra - zer ven - tu - ra a um co - ra - ção ma - goa - do. Quan - do sor -

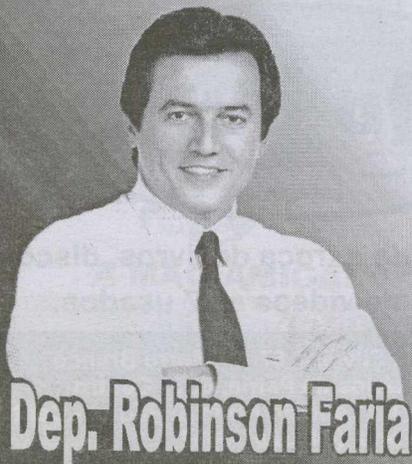
D.S. al Fine

Quando sorris com teu olhar piedoso
cheio de graça e cheio de ventura!
Faz lembrar um passado lacrimoso
faz lembrar um presente de doçura.

Quero dizer-te, bela flor, agora
- teu olhar para mim é um paraíso!
Vale mais que riqueza sedutora,
vale um céu de ventura o teu sorriso!

Deixa teus olhos meigos me fitarem,
deixa beijar-te a fronte alvinitante!
Deixa a turba dos maus nos invejarem
deixa a teus pés curvar-me reverente!

FONTE
Música: Walter Baptista de Andrade
Letra: "Trovadores Potiguares"



Dep. Robinson Faria

É PRESENTE.
É FUTURO.